

SINFÔNICA e Cozzella polemizam festival: em Campos de Jordão. Correio Popular, Campinas, 17 jul. 1982.



A maestrina Adriana Giarola sambou em meio à música erudita

Em Campos de Jordão

## Sinfônica e Cozzella polemizam festival

“Sem Título, com Falas”, para três orquestras, de Damiano Cozzella, em primeira audição mundial com a Sinfônica de Campinas, e uma “jam session” reunindo o quinteto Pau-Brasil e dois professores dos cursos didáticos — o percussionista Gordon Gottlieb e o flautista Keith Underwood — foram os acontecimentos artísticos mais polêmicos do segundo fim de semana do 13º Festival de Inverno. Provavelmente, eles se transformarão numa das mais ricas fontes de informação e aprendizado para os 300 bolsistas que passam o mês em Campos de Jordão.

Por um lado, Cozzella desmontou, num enorme “happening”, não só o círculo da música de concerto tradicional mas também o da própria produção contemporânea. E, de outro, Nelson Aires e seus companheiros puseram abaixo algumas das barreiras que ainda teimam em colocar entre a música de concerto e a popular, ao improvisarem durante meia hora, após seu show, com professores norte-americanos.

Em diplomacia, tais episódios poderiam ser qualificados de “quebra de protocolo”. Em música, porém, tiveram uma virtude essencial: sacudiram o público, despertando-o da habitual letargia ritualista que “divide” artificialmente a produção musical. Para os bolsistas, uma inesperada abertura de perspectivas, alargamento de horizontes e sobretudo a chance de fincar mais o pé em suas realidades.

Domiano Cozzella, sem dúvida, é dos raros compositores brasileiros que jamais se acomodam. Assim como, no início da década de 60, foi o principal nome da vanguarda, assinando o Manifesto Música Nova, e pouco tempo depois estimulou os parceiros

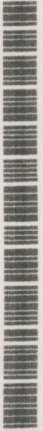
Rogério Duprat e Júlio Medaglia enveredarem pela música popular (o que resultou na Tropicália), Cozzella é agora capaz de arrancar em novas direções. “Sem Título, com Falas”, de fato, é o manifesto da criação contemporânea brasileira: cansado de experimentar, fechando-se em círculos herméticos, mas também exausto de expor-se diluído aos meios de comunicação de massa, Damiano desmonta, um a um, tais procedimentos. Na realidade, a música de “Sem Título” funciona como “pausa sonora” ou “intermezzo” sem sentido, que serve tão-somente para conferir significado pleno a uma retórica bastante agressiva, distribuída entre os músicos das três orquestras.

Depois dessa incrível “demolição”, a música instrumental independente brasileira mostrou, a partir da meia-noite de sábado, por que constitui o principal fenômeno artístico desta década, em termos de MPB. O pianista e compositor Nelson Aires parece ter atingido agora a plenitude de seus recursos criativos, com temas belíssimos, como “Mantiqueira”, “Domingo” e “Só Xote”.

Entre os parceiros o impacto do tenor de Hector Costita, um músico completo, capaz de imprimir rumos totalmente originais a cada improviso. Após o show regular, houve o encontro inesperado com Gordon e Underwood em dois temas: o reconhecimento inicial em “Angel Eyes”, de Wayne Shorter, e a longa prova de fogo com “All Blues”, de Miles Davis.

Em cerca de 20 minutos, desfilaram um solo fulgente do flautista Underwood, a melhor performance de Roberto Sion no sax-alto e um sutil solo de bateria de Gordon, sem dúvida o professor mais popular deste Festival.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030028